

TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E LITERATURA: CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Simei Araujo Silva*

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

Introdução

O presente trabalho originou de uma pesquisa¹ realizada no curso de doutoramento da Universidade Federal de Goiás (UFG/FE). Assim, objetivamos problematizar as possibilidades de formação cultural da criança na família e na escola pela mediação da literatura em tempos de dominação tecnológica altamente sofisticada, contribuindo com a decadência da cultura humana. Para os frankfurtianos Adorno (1995; 2001; 2010), Horkheimer e Adorno (1973; 1991) e Benjamin (1989, 1993)), o rompimento com a cultura burguesa, construída historicamente e sedimentada pela dominação do sistema capitalista, é um desafio aos formadores e educadores de crianças, visto que a indústria dessa cultura estendeu-se a diversos ramos da arte, como a música, as artes plásticas, a literatura e o cinema e na produção de brinquedos. Contrário a esta concepção, a cultura humana é aquela que se projeta de forma contestatória à sociedade capitalista que produz a “semiformação”. De acordo com Adorno (2010) o conceito de cultura representa a cultura da burguesia que foi construída no contexto dessa sociedade que cria a cultura “coisificada”. Assim, “No

*Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.

¹ Nos anos de 2010 e 2011, realizamos uma pesquisa no curso de doutorado em educação na UFG/FE, que objetivou investigar a identificação dos alunos de 1.º e do 3.º ano da 1 Fase do Ensino Fundamental do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação (CEPAE/UFG) com personagens e conteúdos de histórias narradas na atividade “Hora do Conto” na biblioteca (e de outras histórias conhecidas por eles em seu contexto familiar). A “Hora do Conto” é uma proposta que integra as atividades culturais da biblioteca e do Cepae, desde 1993. O principal objetivo dessa proposta é o incentivo à prática de leitura e à formação de contadores de histórias. No horário oficial da escola estava previsto o dia da semana em que cada turma participaria dessa atividade. De um total de sessenta e um alunos, dos dois terceiros anos, foram realizadas vinte e uma entrevistas. Foram também entrevistados três profissionais dessa mesma fase da área de Ciências Humanas. Analisamos os dados com base nos conceitos de sociedade, educação, ideologia, indústria cultural, literatura infantil, experiência e infância. Do total de (43) histórias conhecidas pelos alunos, no contexto escolar e familiar, estes relacionaram cinco com que eles mais se identificaram. Sucessivamente: *Bruxa Onilda vai à Nova Iorque*; *A centopeia que sonhava*; *Os três porquinhos*; *Anúncio no Jornal* e *Quem tem medo de monstro*. Nessa escola, presenciou um ambiente literário propício para formar os contadores de histórias e leitores críticos.

clima da semiformação, os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural perduram à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo [...]” (ADORNO, 2010, p.19). Desta forma, a escola enquanto instituição social contraditória, de um lado, é um espaço de formação humana das crianças que lhe permite a criação de novas experiências, isto é, não adaptadas, por outro, caracteriza-se como um espaço também de produção da cultura burguesa.

A contribuição da Teoria Crítica da Sociedade para a formação da criança

Atualmente, vivemos em uma sociedade considerada civilizada, porque ela alcançou o ápice do desenvolvimento tecnológico. Mas, segundo Adorno e Horkheimer (1991), vivemos em uma sociedade civilizada com indivíduos cegos e ignorantes, guiados pela razão instrumental, tecnológica, enrijecida, cristalizada, enfim atrofiada. Kant (2003), no século XVIII, proclamou em seu texto “O que é esclarecimento? “que o homem tem que ter coragem de tornar-se o seu próprio guia, de agir conforme o seu pensamento e não como o de outrem. Diante dessa ideia, acreditamos que uma educação que forme, desde a infância -- leitores e escritores, mediados pela arte literária – deverá formar sujeitos indignados, encorajados e inconformados com essa racionalidade, criando conseqüentemente, uma geração mais humana e emancipada face à razão dominante.

Para Adorno (1995), o sentido da educação está na luta contra essa razão instrumentalizada, bem como contra a barbárie, sobretudo, por meio do universo cultural e formativo. Assim, conforme o autor é preciso investir na formação desde a infância, no sentido de ensinar às crianças que a barbárie é um perigo imanente que se desdobra no âmbito ideológico e cultural. A partir deste pensamento adorniano, Zanolla (2010) discute a concepção de infância que, na sua perspectiva, vai além de pensar a criança como ser natural, espontânea e infantilizada. Isso leva à necessidade de se discutir com ela as contradições e os conflitos da vida real. Nas suas palavras

A educação, mesmo na primeira infância, deve ser crítica para que o sujeito não aceite tudo que é imposto na sociedade e reflita. Deve ser emancipatória e voltada para a autorreflexão (sic), ou seja, deve ensinar as crianças a ser educadas para refletir e ter consciência de seus atos, podendo, assim, distinguir entre o certo e o errado sem serem infantilizadas (ZANOLLA, 2010, p. 73-74).

Com base em tais princípios, a literatura infantil torna-se elemento fundamental de luta contra a barbárie que se reedita na sociedade atual, a exemplo da indústria cultural infantil, da miséria crescente, da indiferença à violência, dentre outras causas.

Na concepção de Adorno (2001, p. 76): “Quem não tem pátria encontra no escrever a sua habitação”. Sendo assim, acreditamos que as atividades de contação e de leitura de histórias na interface com a educação emancipatória, autônoma -- ávida para desvelar a cegueira e o conformismo do homem atual -- possibilita a formação de leitores e escritores críticos, os quais encontrarão no livro literário impresso o seu habitat fértil de arte e criação de experiências, com vistas a guiar a construção de uma pátria diferente e desconhecida, avessa à sociedade consumista, preconceituosa, excludente e bárbara. Essa sociedade cria no indivíduo, gerado pela indústria cultural² e publicidade, necessidades artificiais de consumo gerando nele a satisfação e a felicidade imediatas e, por isso, falsa e aparente. Desse modo, o ter prevalece nas relações humanas e o ser esvazia-se de sentido humano.

Em face disso, partimos do princípio de que a literatura impressa, concebida e trabalhada como arte no contexto escolar, possibilitará a formação cultural da criança. Abordar a literatura como arte, a partir do pensamento adorniano, implica compreender a sua finalidade política. Por isso, a escolha dos critérios do livro literário pelos professores é essencialmente político, porque o conteúdo da história pode ser revelado tanto como verdade absoluta, pautada na razão instrumental dominante, quanto, também, ser confrontada ao permitir que a criança manifeste a sua palavra e história de vida, bem como a sua identificação com algum personagem. Nessa perspectiva, garantir a comunicação oral de histórias é dar continuidade ao processo histórico da arte de contação e histórias populares originadas desde a Antiguidade Clássica. Além disso, é oportunizar a comunicação humana e afetiva mediante o cruzamento de vozes e olhares. Para Benjamin (1989, p. 19), “[...] quem é visto, ou acredita estar sendo visto, revida o olhar. É contudo inerente ao olhar a expectativa de ser correspondido por quem o recebe”.

No entanto, é preciso que registremos que a identificação extrema da criança com personagens de histórias deve ser discutida com ela, advertindo-a que a idealização

² Adorno e Horkheimer (1991) utilizaram o termo *indústria cultural* pela primeira vez no ano de 1947, quando da publicação do livro *Dialética do Esclarecimento*. Substituem *cultura de massa* por *indústria cultural* para esclarecer que a cultura referida por eles não se origina espontaneamente das massas, mas sim reflete uma reestruturação do sistema capitalista. Produção das necessidades de consumo padronizado produz comportamentos padronizados.

de algum objeto (livro literário) ou de um sujeito (personagem) configura-se um impeditivo para a reflexão em torno da realidade circundante.

Temos como pressuposto que, por um lado, a arte literária é contraditória, porque é apropriada pelos professores como instrumento para o ensino da leitura e produção de textos (incluindo norma ortográfica), por outro, instiga na criança a manifestação da fantasia e imaginação e permite, ou não, a leitura da realidade social. Por compreendermos a escola como uma instituição social, ela expressa as contradições da sociedade na qual se insere. Assim, a literatura, por um prisma, poderá legitimar a realidade e reforçar a ideologia dominante e, por outro, quando mediada pela educação autônoma e emancipatória, porque incitada pela constante tensão entre o universal e particular, provocará a busca do desconhecido, ou seja, da criação de experiência voltada para a formação de gerações mais humanas e sensíveis à miséria social. Ora, enquanto houver fome na Terra, a indiferença aos problemas sociais reinará e a barbárie será reeditada pela sociedade atual que é sedimentada pela ideologia dominante. Segundo Adorno (1995, p. 143) a ideologia capitalista, como organizadora do mundo, “[...] converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera a educação”. Então, na perspectiva do autor, a ideologia representa a própria sociedade e, dessa maneira, sustenta e legitima a indústria cultural, possibilitando a formação voltada ao conformismo e à adaptação a essa sociedade. Para Adorno e Horkheimer (1973), Ideologia é “mentira manifesta”, porque os indivíduos estão integrados no mundo do consumo e até percebem que fazem parte dele, mas acomodam-se e, de forma ilusória, sentem-se realizados e felizes.

Na escola o mundo literário e o virtual se entrecruzam. A vivência dessa contradição, conforme nosso ponto de vista, deve ser um indicativo para os profissionais da escola pensarem na questão que se segue: qual é o lugar do livro literário e didático na formação da criança? Posta esta questão, lembramos que

[...] a informática e a internet dispõem de jogos, brinquedos, músicas e histórias infantis, que são atrativos para as crianças, os quais integram atividades tanto escolares quanto familiares. Contudo cabe à escola a tarefa de tornar o livro impresso um objeto também qualitativamente atrativo [...] a escola é o espaço educativo por excelência para desenvolver a prática de leitura e escrita com a criança (SILVA, 2012, p. 111).

Marx (1993, p. 98), nos “Manuscritos econômico-filosóficos de 1844”, afirma que as relações de produção de mercadoria impedem o homem de expressar o seu “[...] sentido para o espetáculo mais belo”. Trazendo essa ideia para a sociedade contemporânea, percebemos que a indústria cultural, a diversão infantil por intermédio da diversão virtual (brinquedos eletrônicos, internet), facilita, na família e na escola, a prisão dos sentidos humanos, a redução da linguagem da literatura infantil e da comunicação, dificultando a criação da experiência e do desconhecido.

Desse modo, entendemos que a escola é uma instituição social que reflete contradições engendradas pela sociedade capitalista. Assim, a escola, como parte dessa totalidade, traz para o seu cotidiano a indústria cultural, legitimando-a, notadamente, pela presença de objetos escolares com logotipos de marcas, vestimentas e recursos escritos, como livros didáticos e literários, jornais, computador e internet. Para Adorno (1994), a indústria cultural conduz os indivíduos à dependência e servidão ao sistema dominante, inculcando-lhes ideias de que o mundo caminha em plena ordem, da qual ele se sente parte e com a qual ele se realiza quando consome os produtos dessa indústria (SILVA, 2012).

Benjamim (1989, p. 46), de uma forma brilhante e provocativa, na obra “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo”, expõe que atualmente vivemos em uma sociedade constituída por uma “multidão amorfa de pessoas”, porque o indivíduo passeia vagando e perdido em meio à multidão “[...] a perder de vista, onde ninguém é para o outro nem totalmente nítido nem totalmente opaco”. Ao trazermos essa ideia para o século XXI, presenciamos esse passante anônimo, transitando pelas ruas e no shopping, seduzido pelo consumo. Face a isso, o homem moderno vai perdendo a tradição, a sua memória histórica, passando a registrar as impressões momentâneas, aparentes e automatizadas, as quais são geradas pela sociedade tecnológica.

Para Benjamin (1993) a experiência de narrar está desaparecendo na sociedade moderna, porque com o desenvolvimento do capital, da tecnologia, da reprodutibilidade técnica da arte, da urbanização, as pessoas não estão vivendo experiências semelhantes das realizadas nas sociedades antigas, como a prática de narrar fatos populares, viagens, histórias infantis e de famílias, etc. De acordo com Benjamin (1989, 107) a “[...] substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência”. Esta perda narrativa contribui para a redução da prática de contação de histórias, as quais são fundamentais para a construção humana de experiências significativas, reflexivas e importantes que permitem a

continuidade de sua transmissão às gerações atuais e futuras. Mas, é preocupante a diminuição desta prática de narrar, porque a sociedade e sobretudo as instituições escolares ao deixarem de vivenciá-la perdem também o registro da cultura de cada época histórica.

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio [...] A cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1993, p. 202-203)

Nas últimas décadas do século XX e no século XXI, nos deparamos com o rápido desenvolvimento da tecnologia avançada, predominando a imagem, a realidade virtual como mediação das relações sociais. Sob essa ótica, as pessoas estão se informando e visualizando fatos, notícias, histórias pela mediação da tecnologia, assim, o objeto que passa a ser o “Ser” que ocupa o lugar central na sociedade tecnológica que informa e forma.

A pesquisa no CEPAE: a Hora do Conto e as entrevistas com as crianças

A “Hora do Conto” é uma proposta que integra as atividades culturais da biblioteca e do Cepae, desde 1993. O principal objetivo dessa proposta é o incentivo à prática de leitura e à formação de contadores de histórias desde o início da escolarização da criança. No horário oficial da escola estava previsto o dia da semana em que cada turma participaria dessa atividade. No segundo semestre do ano de 2010, uma professora do Cepae e integrante do “Grupo Gwaya: contadores de histórias” desenvolveu a atividade de Contação de História para os alunos do 1.º ao 4.º ano da I Fase.

Nessa direção, salientamos que a pesquisa indicou que a literatura infantil trabalhada pela narração de histórias e poesias instiga a identificação das crianças com personagens e forma valores a partir de seu contexto social, de sua cultura familiar e escolar. Dentre eles, alguns revelaram aspectos da ideologia dominante, como, por exemplo, o consumo e o preconceito. Por um lado, uma aluna revelou ter o preconceito com a aparência de seu cabelo e afirmou o seu desejo de possuir o cabelo louro e liso. Nas suas palavras: “Não gosto do meu cabelo, porque é enrolado e difícil de pentear”.

Por outro, dois alunos manifestaram indignação em relação aos termos pejorativos ditos aos seus colegas: “gordinho”; “lasanha”, “baleia assassina”, “gorda demais”.

Nesse sentido, Crochík (2011, p. 17) contribui para pensarmos sobre o preconceito formado desde a infância. “Se o preconceito não é inato, a criança pode, de fato, perceber que o outro é diferente dela, sem que isso impeça o seu relacionamento com ele”. Com base nesse pensamento, o preconceito pode se desenvolver, ou não, de acordo com as possibilidades (de) formativas da cultura, então é possível impedir que continue presente nesta e na mentalidade das pessoas. “O que leva o indivíduo a desenvolver preconceito, ou não, é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais”, esclarece Crochík (2011, p.19). Para o autor, agir de forma imediata diante de alguém sem reconhecimento das diferenças interpessoais e da reflexão reforça o preconceito. Portanto, a experiência requer que o indivíduo se relacione com o outro, que duvide da realidade social, modifique-se, dialogue, redirecione o sentido de sua palavra e de sua vida.

O Quadro abaixo demonstra a síntese das falas das crianças no momento de suas entrevistas quando falaram sobre a diferença entre o livro didático e o livro literário.

Quadro – Opiniões dos alunos sobre a diferença entre o livro didático e o literário

Aluno	Relatos dos alunos sobre a diferença entre o livro didático e o literário
A1	“A literatura é pra gente contar histórias para as pessoas e vai de geração em geração.”
A2	“Eu sinto que estou sendo a Ana Maria voando na história. Vou pensando que os anjos estão em volta de mim. Toda hora que a gente vai escrever a gente lembra da palavra da história.”
A3	“A história conta história, aprende mais, tem mais coisas, são mais fáceis de decifrar as palavras. Eu esqueço de tudo que me faz mal. A gente lê muito, vai aprendendo a ler direito, a escrever, se tem alguma palavra que agente não sabe.”
A4	“Sem a leitura, a aprendizagem, a gente não seria nada. Tem personagem bacana, divertido, engraçado, e fica na minha memória. A história de mar, e eu já fui no mar. Sem a leitura não poderia dirigir carro.”
A5	“O livro didático conta a história do livro, o livro de História.”
A6	“Erro menos e aprendo mais palavras. Mostra nomes de coisas, de aventura, cinema, natal, dos lixos, do corpo humano.”
A7	“Histórias bacanas, engraçadas. Treinar na leitura, aprender a contar na frente dos colegas. Pode escrever livro.”
A8	“A leitura é importante para aprender palavras novas, é legal, porque a gente vê coisas coloridas, é engraçado.”
A9	“No livro didático, a gente aprende outras coisas, como foi construído o Cristo [RJ] e a Torre Eiffel [Paris].”

A10	“Quando a história é triste bate uma coisa no coração. Quando a história é engraçada a gente conta para todo mundo.”
A11	“Livro literário melhora a leitura, aprende mais com os livros. Me sinto honrado quando estou lendo, apreciando o livro Era uma vez.... esqueço de tudo, entro no mundo da biblioteca.” “O livro didático é para fazer tarefa de casa, copiar e responder. Só ensina. Ensina a exercitar as palavras. Você precisa aprender a ler e escrever. O que aconteceu com uma pessoa. O que você pode, não pode. Ensina ver as coisas interessantes.”
A12	“Aprende mais, fica com a letra bonita, viajo na história [literatura]. O livro didático é para o nosso desenvolvimento. O livro de história é criatividade dos autores, mas tem muitos livros que a história parece com a nossa vida, como se fosse a nossa história.”
A13	“O livro é importante para o desenvolvimento da mente, do pensamento. Quanto mais a gente lê a mente da gente fica organizada para quando vamos escrever. A gente começa a gostar dos livros de história.”
A14	“O livro didático ensina a gente começar a ler, escrever, sobre as coisas antigas. O livro de história conta a história que não existe, que é imaginário para as crianças achar que é verdade. Vamos brincar de três porquinho. Ajuda as palavras que a gente não conhece direito, aí a história ajuda a escrever as palavras.”
A15	“O livro didático tem um pouco de História, Português... Livro de história ajuda a gente a ter a imaginação fértil. Um dia a gente pode até viver aquela história. Tipo em uma história que o menino tinha muitos sonhos e a mãe dele deu pra ele muitos brinquedos.”

Codificação dos dados	
Livro didático	Nele se aprende conteúdo diferente daquele do livro literário. Função utilitária: ensinar a fazer tarefa; ensinar a ler e escrever; copiar e responder; desenvolvimento; há coisas antigas, como no livro de História e de Português.
Livro literário	Função utilitária: ensina a contar histórias; treinar e desenvolver a leitura e escrita; aprender novas palavras; possibilidade de escrever um livro; ajuda a elaborar e a desenvolver o pensamento. Desperta sentimentos: de alegria, tristeza, imaginação e fantasia; proporciona diversão e possibilita ver coisas coloridas; apreciação do livro; relação das histórias com a própria vida.

Fonte: Tese de Doutorado/UFG/FE, SILVA, 2012, p.126-127.

A partir da “codificação dos dados” apresentado no Quadro acima, verificamos que o trabalho com a literatura não se restringiu a contação de histórias como uma atividade livre e com objetivo de instigar a imaginação da criança, mas constatamos que nesta atividade de contação houve também a preocupação de chamar a atenção das crianças para aspectos formais da leitura e escrita (função utilitária e pragmática). É

importante ressaltar que mesmo que os professores explorassem tanto os aspectos formais e objetivos quanto outros como a arte de despertar a imaginação e os sentimentos das crianças, elas souberam expressar a diferença entre a função do livro didático e a do livro literário. Assim, demonstraram-se uma maior identificação com a leitura literária. As crianças revelaram a função de cada livro. Sobre o livro didático disseram: “É para fazer tarefa de casa, copiar e responder. Só ensina. Ensina a exercitar as palavras.” – “Ensina a gente a ler, escrever, sobre as coisas antigas.” É para o desenvolvimento”. Quanto ao livro literário, a própria expressão das crianças de modificava quando falavam sobre suas histórias. (SILVA, 2012, p. 127). Destacamos algumas falas das crianças,

- Eu sinto que estou sendo a Ana Maria voando na história. – Eu esqueço de tudo que me faz mal. – Era uma vez...esqueço de tudo, entro no mundo da biblioteca. – Viajo na história. – O livro de história ajuda a gente a ter imaginação fértil, um dia a gente pode até viver aquela história. (Alunos do 3º ano da I Fase do Ensino Fundamental CEPAE, 2010) (SILVA, 2012, p.128).

De acordo com o Quadro “Opiniões dos alunos sobre a diferença do livro didático e o literário”, as crianças revelaram de um lado, a predominância da função utilitária da literatura como “ler direito”, “treinar a leitura”, “melhorar a leitura”, “a letra fica mais bonita”, “aprendo mais palavras”, de outra perspectiva, indicaram outros aspectos relacionados com a imaginação, fantasia e a identificação das crianças com alguns personagens das histórias lidas e contadas na família e na escola. De nosso ponto de vista, o trabalho com a literatura infantil na escola deve privilegiar o incentivo à criança a exteriorizar os seus sentimentos, os seus conflitos, os quais são importantes para o seu desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita. Soares (1995, p.28) aponta para o cuidado que os professores devem ter com a função utilitária e pragmática da leitura literária, que se destina a formar o leitor que se adapta a realidade sem questioná-la e nos alerta para considerarmos o “[...] lugar social e histórico a partir do qual o leitor produz a leitura e cria o texto”. Então,

Em nossa pesquisa mostramos que existem leituras diferenciadas pelas crianças sobre um único texto, a partir de seu lugar, de sua vida, de seus interesses e das necessidades subjetivas e objetivas de cada uma delas, mas isso não significa que elas deixam de ser influenciadas pelos valores

padronizados que são proclamados pela sociedade na qual se inserem, sobretudo pela indústria cultural”. (SILVA, 2012, p.129)

Em síntese, a escola, espaço no qual realizamos nossa pesquisa, representa parte da cultura formativa. Então, à escola cabe a tarefa de tornar o livro literário impresso um objeto também qualitativamente atrativo aos alunos. Salientamos ainda que a escola é o espaço educativo para desenvolver a prática de leitura com seus alunos, já que, fora do ambiente escolar, ela pode vir a ocupar o seu tempo, de modo indevido ou exagerado, com a realidade virtual (SILVA, 2012). Nesse sentido, ressaltamos que a cada livro lido, a possibilidade de a criança exercitar o pensamento criativo, na interface com o autor, consigo mesma e com a realidade é lançada, criando-se outras experiências mediadas pela arte literária. Assim, “[...] a literatura infantil é um dos recursos fundamentais ao processo formativo da criança, pois lhe possibilita pensar a realidade, instigar o pensamento crítico e a criação de novas experiências [...]. (SILVA, 2012, p.134)

Então, acreditamos que a literatura, concebida como arte, atividade criadora que manifesta cultura, possibilita à criança pensar a realidade estabelecida criando experiências contrárias à desumanização e à reedição da barbárie.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*, Trad. de Wolfgang Leo Mar, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Minima morália*, Trad. de Artur Mocão, Rio de Janeiro: Edições 70, 2001.

_____. Teoria da semiformação. Trad. de Newton Ramos-de-Oliveira [1972-80], In: PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*, Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

ADORNO, W. Theodor & HORKHEIMER, Max. *Temas básicos de sociologia*, Trad. de Álvaro Cabral, São Paulo: Editora Cultrix, 2. ed. 1973.

BENJAMIM, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. Trad. de José M. Barbosa; Hemerson A. Baptista, In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*, São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Trad. de Sergio P. Rouanet. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*, 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KANT, Immanuel [1783]. O que é esclarecimento? *Revista espaço Acadêmico* – n. 31, p. 1- 4, dez. de 2002. [WWW.espacoacademico.com.br/031tc- Kant.htm](http://WWW.espacoacademico.com.br/031tc-Kant.htm). Acessado em [16/02/1012](http://WWW.espacoacademico.com.br/031tc-Kant.htm).

MARX, Kal. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, Trad. de Maria Antônia Pacheco, Cadernos I, II, III. Lisboa: Edições Avante! 1993.

SILVA, Simeia Araujo. *Ideologia, educação e literatura: a indústria cultural na interface com a formação da criança*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2012, 149 p.

SOARES, Magda. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo Cole*. Campinas, SP: Mercado das letras.

ZANOLLA, Sílvia R. S. *Videogame: educação e cultura*, Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2010.